

Exercícios Espirituais

Esta série de publicações, extraídas dos escritos de D. Scalabrini, sobre temas da vida espiritual e pastoral, tem o objetivo de dar a conhecer o pensamento de Scalabrini para redescobrir a sua fecundidade e para nutrir a vida espiritual e pastoral antes de tudo de quem leva o seu nome e, depois, também dos Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos da Igreja de Deus.

Apresentação



Esta série de publicações, extraídas dos escritos de D. Scalabrini, sobre temas da vida espiritual e pastoral, tem o objetivo de dar a conhecer o pensamento de Scalabrini para redescobrir a sua fecundidade e para nutrir a vida espiritual e pastoral antes de tudo de quem leva o seu nome e, depois, também dos Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos da Igreja de Deus.

Os textos de Scalabrini, antologizados, tem sua autonomia de pensamento e são introduzidos por notas explicativas aptas a evidenciar a vitalidade.

A iniciativa, por parte da Postulação da Causa de Beatificação, quer também responder a um objetivo do Capítulo Geral de 1992, que encoraja as Áreas e as Províncias a programar iniciativas que conduzam a “conhecer melhor o Carisma Scalabriniano”.

A iniciativa deseja facilitar a difusão do conhecimento de D. Scalabrini e suscitar devoções para um bispo santo. A coleção é dirigida por Padre Stelio Fongaro, com a colaboração de outros irmãos.

Natureza dos Exercícios Espirituais, conforme Dom Scalabrini

O primeiro ato de Dom Scalabrini, como Bispo de Piacenza, é uma Carta Pastoral, em latim, dirigida ao Clero para recordá-lo da obrigação dos Exercícios Espirituais.

Scalabrini, servindo-se de uma disposição do Papa Clemente XI (1710), com a qual convidava os Bispos de toda Itália a recordarem os seus sacerdotes sobre a obrigação anual desta “prática religiosa”, sabiamente evidencia na encíclica papal os motivos que induzem a Igreja à esta obrigação, isto é, os frutos que “por sua natureza” a prática dos Exercícios produz.

Estes motivos-frutos, aliás, constituem o molde do seu discurso de mais de uma dezena de copiosas páginas. Scalabrini sabe que a vontade se move quando é motivada e que os motivos são os valores intrínsecos que conduzem à ação: por isso, ele achava que restringindo-se somente à obrigação sem motivá-la, “o dever ficaria enfraquecido”.

Os frutos-motivos da encíclica papal e do discurso de Scalabrini são os seguintes: “Os Exercícios Espirituais por sua própria natureza são aptos a (...) eliminar de maneira ágil a sujeira produzida pela poeira mundana, que, como se vê, polui também as almas religiosas; restaurar o espírito eclesial; elevar a alma à contemplação das realidades divinas e, enfim, estabelecer ou confirmar uma reta e santa regra de vida”.

Quer-se oferecer, aqui, na tradição italiana, o segundo, terceiro e quarto destes frutos, porque nos parecem verdadeiramente scalabrinianos.

A encíclica clementina não vai além do texto por nós citado, que se apresenta, portanto, como uma fórmula que necessita explicação, ou como um odre semi-vazio que é completado pelo vinho scalabriniano.

No segundo ponto, diz-se que o objetivo dos Exercícios Espirituais é o de “restaurar = (“reparatio”) o espírito eclesiástico”, através de quatro motivos: 1° porque a atividade pastoral leva, inevitavelmente, a enfraquecer as forças espirituais; 2° porque todos temos a tendência a nos amornar; 3° porque todos somos tentados pelo diabo a “exaurir-nos” no cuidado pelos outros; 4° e, enfim, porque a dignidade da vocação sacerdotal o requer. O aspecto mais relevante, todavia, nos parece ser o lúcido exame sobre a correta e a falsa concepção dos Exercícios Espirituais: um tempo de graça que deve levar a uma renovação e não só a uma pausa de recolhimento, de meditação e de oração no torvelinho da vida apostólica.

No terceiro ponto, Scalabrini afirma que os Exercícios Espirituais são também uma experiência intensa de oração, propiciada pela solidão e pelo recolhimento.

Os frutos que esta experiência amadurece são as bíblicas “ascensões espirituais”, uma plenitude de vida interior que suscita um apostolado de alto perfil evangélico.

Não lhe passa despercebido a bela definição do que deve ser a oração para o sacerdote, isto é, “seu trabalho e alimento cotidiano”. Note-se também (e dir-se-ia, antes de tudo!) a natureza ascética que assume a oração, a qual deve iluminar “as virtudes e as ações do próprio santo”. É oportuna a citação de Crisóstomo, que desenvolverá no parágrafo seguinte, onde fala que para encontrar Deus, que está em toda parte, o homem tem necessidade, em geral, de “alguns tempos e lugares”: também Jesus, o homem perfeito, que podia realizar seu deserto em todo lugar, escolhia a solidão e o monte para rezar!

O último parágrafo respira já o clima do tema relativo à programação e a verificação.

No quarto ponto, que trata da programação (e verificação!) de um plano de vida, Scalabrini, parece discernir, já que nos seus retiros mensais ou exercícios anuais faz a avaliação do estado de sua alma e com a caneta na mão formula o propósito bem detalhado (assim quer, de fato, a dinâmica da vontade para poder querer de verdade!) de fazer isto ou aquilo, vinculando-se também, “sub gravi”, em determinadas circunstâncias, em outras não: isto é, nota-se nele o escriba inteligente do Reino. Veja-se, por exemplo, na biografia de Francesconi o parágrafo sobre as práticas de piedade, Cap. VII, págs. 347-352.

Esta carta, afirma Scalabrini, é o fruto de uma preocupação que tomou desde o primeiro momento de sua designação como bispo de Piacenza; é um “verbum bonum” jorrado do coração (pág 4) como aquele do Salmista, e com tanta força de poder, que seria em vão resistir-lhe (pág 24). Exatamente como certas palavras inspiradas!

Da “Epistola pastoralis de exercitiis spiritualibus”

Piacenza, 15 de agosto de 1876

Restauração do Espírito

“Vindo ao segundo ponto da louvável Encíclica, com relação à restauração do espírito eclesiástico, cada um vê quanto seja importante para si retirar-se de tanto em tanto para refletir seriamente sobre a extrema necessidade de emendar-se; e isto, exatamente, em nenhum lugar e tempo pode-se conseguir melhor do que durante os Exercícios, que podemos justamente definir com Paulo *o tempo propício e o dia da salvação*.

Todavia, não devemos pensar erroneamente que estes Santos Exercícios consistam somente em viver por alguns dias isolados, mas fazendo as mesmas coisas dos outros dias, distantes do

barulho, dos afazeres e tarefas terrenas; em rezar um pouco mais e escutar algumas prédicas a mais sobre a Palavra de Deus, nada disso! Mas pensemos retamente que por sua natureza eles dão aquele fruto que favorecerá às necessidades da própria alma, necessidades diferentes para cada um,



mas que são também maiores para os eclesiásticos. De fato, a vida deles, continuamente em contato com aquela dos homens leigos, as dispersões inseparáveis nas suas tarefas, as distrações inevitáveis também nas funções religiosas fazem, com freqüência, que, enquanto ajudam os outros dando-lhes os meios de salvação, cansem seu próprio espírito, o enfraqueçam e o quase o esqueçam.

Se a tudo isto acrescentarmos a facilidade geral de amornar-se no caminho da virtude, a fragilidade da natureza humana, os perigos quase infinitos inerentes ao exercício do ministério eclesiástico e, por fim, as tentações e ciladas daquele inimigo que está sempre pronto –ele, que sabe todas as artimanhas para fazer o mal, e muitas vezes, com pretexto do bem, da virtude, da caridade nos persuade a dedicar e exaurir todas as nossas forças no cuidado para com os outros, já que, totalmente ocupados por esta atividade, descuidamos da nossa própria alma-, emerge com bastante evidência a necessidade de estarmos livres por alguns dias, não para se retirar materialmente do mundo e dos afazeres, mas para recuperar aquilo que perdemos, para nos refazer das forças espirituais e para iniciar um estilo de vida que nos consinta de dizer com o Apóstolo: *Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim* (Gal 2,20).

Veneráveis Irmãos, meditemos verdadeiramente sobre a santidade da nossa Ordem! Ela supera infinitamente àquela dos sacerdotes do Antigo Testamento, aos quais, todavia, Deus pedia que fossem santos, mesmo que a sua tarefa não consistisse mais do que oferecer incenso e pão. Isto nos levará facilmente a concluir sobre que virtudes devemos nos revestir e nos munir para poder dedicar-nos bem ao bem do próximo, para orientá-lo na observância da lei divina e, enfim, para poder ser luz diante de todos com o bom exemplo de vida e com a prática daquelas virtudes que queremos praticadas pelos outros, assegurando-nos, assim também, a nossa salvação, que é o mais importante de todos os afazeres. De fato, não nos deve acontecer a coisa mais temível, que foi temida também pelo Apóstolo, isto é, ser ele mesmo reprovado depois de ter ensinado aos outros (cf. 1 Cor 9,27). Então, para fazer tudo isso e para fazê-lo da melhor maneira possível é absolutamente necessário, mediante os Exercícios Espirituais, restaurar aquele espírito de Deus e da Igreja que recebemos na sagrada ordenação: objetivo que podemos conseguir com mais facilidade durante os Exercícios Espirituais – como afirma a venerável Encíclica Clementina – pelo fato que durante os Exercícios Espirituais a alma se eleva mais facilmente à contemplação das realidades divinas.

Exercícios e contemplação

Por isso, a oração é muito útil e necessária a todos e de modo especial aos Ministros da Igreja; e estes nunca serão como os quer a Igreja se não forem homens de oração. A oração deve ser o seu trabalho e o seu alimento cotidiano. Com ela, deve-se iniciar cada dia, meditando, desde cedo, sobre as virtudes e as tarefas do próprio ser religioso, os Mistérios da Religião e as grandes e fascinantes verdades das outras virtudes. Estamos certos, de que vós, Veneráveis e Diletos Irmãos em Cristo, sempre fostes dedicados à oração; todavia, permanece sempre mais válida a urgente necessidade de subtrair-se por determinado tempo de todos os afazeres da vida para poder examinarmos bem, com ânimo tranqüilo, os nossos progressos ou regressos no caminho da virtude, da perfeição e da salvação. Ali, aprendemos o melhor modo de servir a Deus e distantes também dos deveres sagrados do nosso ministério e disponíveis em tempo integral e com todo o coração a

Deus e a nossa alma. Os Santos nos deixaram maravilhosos exemplos sobre isso. Eles, que mesmo vivendo uma vida oculta com Cristo em Deus, contudo, a cada ano e também mais vezes ao ano, faziam os Exercícios Espirituais e, daí, com renovado ardor espiritual e incendiados por um fogo de amor ainda maior, doavam-se com novo ardor e com resultados positivos à fadiga apostólica de reconduzir os pecadores no caminho da salvação, de extirpar os erros, de restabelecer a moralidade, de corrigir os costumes e de promover a virtude. E aquilo que acontece aos santos, acontece também a nós, cheios de alegria inefável e intimamente pacificados, enriquecidos dos mais abundantes dons de graça e solícitos às ascensões do coração, enchem-se de merecimentos, progredem no caminho da salvação, perseveram na oração, são muito mais fervorosos no Santo Sacrifício da Missa, isentos de toda maldade, sóbrios, pudicos, ainda mais vigilantes na disciplina eclesiástica; e quando devem corrigir com autoridade, ensinar, exortar fazem-no com humildade; pastoreiam, como quer Deus, o rebanho a eles confiado e tornam-se voluntariamente modelos para o rebanho. Com as palavras e com o exemplo difundem por toda parte o bom perfume de Cristo. Para instruir-nos sobre isto, Cristo Senhor costumava retirar-se com freqüência do povo, dos discípulos, da própria atividade de seu Ministério divino a Ele confiado pelo Pai, para recolher-se na solidão. *E para que fim* – diz o divino Crisóstomo – *subiu ao monte, sozinho, para rezar? Com certeza, para ensinar-nos que quando rezamos a Deus, temos necessidade de solidão. Por isso, Ele, com freqüência, procurava lugares desertos e passava às noites em oração, sozinho, para que, nós, imitando-O, procuremos, seja um tempo, seja um espaço tranquilo para rezar.*

Veneráveis Irmãos, insistindo sobre a ordem tantas vezes repetida pelo próprio Cristo Senhor, além de Seu exemplo, visto há pouco, exorto-vos com urgência e vos apresento o mesmo convite de Jesus feito aos seus discípulos: *“Vinde à parte, para algum lugar deserto, e descansai um pouco”* (Mc 6,31). Não há dúvida de que os Apóstolos e os discípulos de Cristo nunca negligenciaram o dever da oração e, contudo, o Senhor os recorda e os dissuade de todas as outras cansativas ocupações e dos rotineiros deveres do Apostolado, para que na quietude interior possam dedicar um pouco de tempo a Deus com a oração e a contemplação. De fato, embora tudo esteja repleto de Deus, e Ele esteja presente em todo lugar, rico de bênçãos para todos os que o invocam; embora, como diz São Leão, *não haja nenhum tempo que não seja pleno dos dons divinos e por Graça de Deus esteja sempre aberto à sua misericórdia* (Sermão. 4 sobre a Quaresma), todavia, Ele se compraz em estabelecer alguns tempos e lugares em que está pronto a derramar sobre nós graças muito mais abundantes; e para falar pessoalmente ao coração do homem, Ele, de modo particular, prefere, sobretudo, a solidão.

E quem de vós, Veneráveis Irmãos, não sente a necessidade de que Deus lhe fale e diga verdadeiramente ao seu coração aquela palavra que é mais penetrante do que uma espada de dois gumes e atinge até à divisão da alma e do corpo? (Hb 4,12). *Se não nos atreveríamos a pensar que essa obra é devida a algum mérito nosso; pelo contrário, é de Deus que vem a nossa capacidade* (2 Cor 3,5), quanto é importante que Deus em pessoa fale antes dentro de nós e que depois nós escutemos com prontidão interior, docilidade e íntima obediência aquilo que Deus dirá ao nosso coração! Assim, conhecendo a vontade de Deus, conseguiremos organizar, segundo Sua lei, um plano de vida reta e santa, ou se por graça de Deus já o tivermos organizado, o confirmaremos com mais força, como foi acenado no texto da Encíclica Clementina que nos propomos seguir.



Programação e verificação

Por isso, especialmente durante estes dias, cada um de vós, que acredita (e como poderia ser o contrário?) no compromisso mais sério, aliás, o único necessário entre todos, isto é, a salvação eterna das almas, procure colocar toda a sua vida diante dos seus olhos e concentrando-se sobre o que disse o Profeta: *Coloque marcos na estrada, finque estacas para sua orientação, preste atenção na estrada, no caminho que você percorre* (Jer. 31,21), reflita com amargura sobre o passado e se há algum arrependimento, disponha com sabedoria o presente e preveja, enfim, o futuro com solicitude, como se

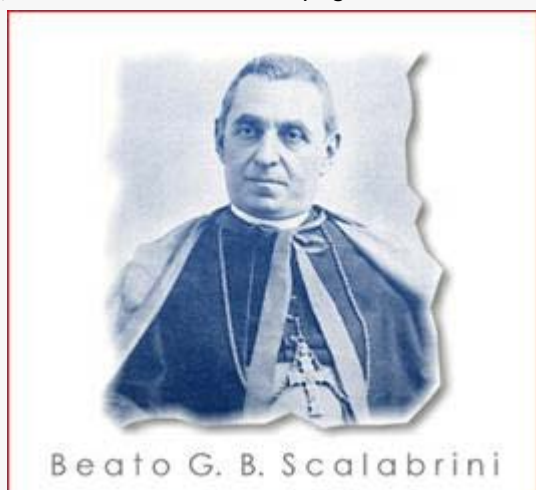
exprime São Bernardo ao explicitar estas palavras (no Sermão 2, sobre a Festa de São Pedro e São Paulo). Neste breve espaço de tempo dos Exercícios vigiemos para que as solitudes da vida, os cuidados mundanos, as obrigações terrenas que não são verdadeiramente necessários possam calar e descansar diante de nós. Assim, com o coração livre de todos os pensamentos supérfluos e das distrações ouviremos aquilo que o Senhor Deus nos dirá, porque, certamente, Ele falará de paz aos seus servos, aos seus Santos. E àqueles que interrogam o coração. É esta a graça que desejamos a vós todos, Veneráveis e Dignos Irmãos, e rezemos humildemente ao Senhor, por intercessão da Imaculada Mãe de Deus.

Beato João Batista Scalabrini, Bispo de Piacenza e pai dos Emigrantes

Dom João Batista Scalabrini (1839-1905) é uma daquelas figuras que assumem contornos sempre mais precisos e surpreendentes, à medida que, através do tempo, de personagens da crônica tornam-se personagens da história. Scalabrini tornou-se ponto de referência sempre mais necessário para quem quer conhecer a história da Igreja, em particular, daquela italiana, entre o final do século passado e o início do nosso.

Nascido em Fino Mornasco (Como) em 1839, ordenado sacerdote em 1863, foi professor e reitor do seminário menor de Como até 1870 e pároco de São Bartolomeo, em Como, até 1875. Sagrado bispo em 1876, dirigiu a /diocese de Piacenza até a sua morte em 1905.

Foi, sobretudo, um pastor. Por um lado, podemos considerá-lo um dos expoentes da Reforma Tridentina, nas pegadas de São Carlos Borromeo e de São Francisco de Sales: são provas



disso a reestruturação da catequese, a intensidade do anúncio da Palavra, a reforma dos seminários, as cinco visitas pastorais realizadas pessoalmente às 365 paróquias da diocese, a realização dos três Sínodos, o revigoramento da pastoralidade do clero e o florescimento do culto. Por outro lado, é, com direito, considerado precursor dos tempos e métodos novos: afrontou com coragem e ampla visão as grandes "questões" de seu tempo, como a legítima liberdade de opinião na "questão filosófica"; a participação dos católicos à vida política da Itália pós-unificação no debate sobre a "questão romana"; o novo contato da Igreja com o povo, individuado especialmente na emergente classe operária, na solução da "questão social".

O seu nome, porém, está ligado, sobretudo, à emigração: no momento em que se apresentou à Igreja e à sociedade italiana em dimensões imprevistas o drama da emigração de massa, em meio a ausência do Estado e ao embaraço da Igreja, Scalabrini foi, se não único, o principal idealizador e o mais prático iniciador de uma intervenção global em favor dos migrantes, prevendo e provendo uma assistência religiosa, social, humanitária que respondesse a todas as

exigências humanas e cristãs dos milhões de emigrantes, dispersos principalmente nas duas Américas. Com esta finalidade, em 28 de novembro de 1887, funda em Piacenza a Congregação dos Missionários de São Carlos para os emigrados (Scalabrinianos); e em 25 de outubro de 1895, a Congregação das Missionárias de São Carlos Borromeo (Scalabrinianas). Em 1889, dá vida à Associação de Padroado São Rafael, a fim de que os próprios leigos se comprometam com os migrantes.

Se ordinariamente é conhecido como o “Apóstolo dos Emigrantes” e por isto definido por Pio XII “Homem apostólico e ao mesmo tempo benemérito da Igreja e da Pátria”, não ficam em segundo plano os atestados dos outros Papas que o conheceram: Pio IX o distinguiu com o título de “Apóstolo do Catecismo”; Leão XIII confiou-se com segurança à sua fidelidade e lealdade encarregando-o de missões delicadas; São Pio X viu nele: “o Bispo douto, suave e forte que também em acontecimentos difíceis sempre amou e fez amar a verdade, nunca a abandonou por ameaças ou lisonjas”.; Bento XV o considerou “bispo incomparável”, admirando-lhe “as elevadas virtudes e primeiramente aquela da qual foi príncipe, a caridade”; Pio XI quis “testemunhar o espírito não só pastoral e episcopal, mas verdadeiramente apostólico e missionário”.

Scalabrini emerge no episcopado italiano do final do século passado: teve que lutar contra a corrente, mas como bem disse o seu amigo Beato Guanella, “não pertence nem a velha guarda, nem ao centro, mas à vanguarda, mas sempre com o Papa”. No mesmo sentido, Paulo VI o considerou: “célebre por algumas posições que, podemos dizer, anteciparam os acontecimentos da história dos católicos na Itália, já que ele teve visões particulares, então muito discutidas, mas de longo alcance, com relação à posição do Papado no Estado Italiano e com relação à participação, que era então proibida, dos católicos na vida pública do País. E isto lhe valeram grandes discussões, mas também o mérito de ter intuído qual devia ser a posição dos católicos neste País”.

O processo para a beatificação de Scalabrini foi introduzido em Piacenza pelo Bispo Menzani, em junho de 1936. Em 16 de março de 1987, o Papa João Paulo II promulgou o Decreto que reconhece que “João Batista Scalabrini exercitou as virtudes cristãs e anexas em grau heróico”. Dom João Batista Scalabrini foi beatificado pelo Papa João Paulo II no dia 09 de novembro de 1997.

Para informações ou para assinalar graças recebidas por intercessão do Beato Scalabrini, dirigir-se à Postulação geral dos Missionários Scalabrinianos.

* (Original em italiano. Livre tradução de Ivo Prati da Coleção: Beato João Batista Scalabrini – Bispo e Fundador).